

As perspectivas para o capitalismo

por Pedro Cafardo

Não ao dogmatismo. Em três palavras, assim poderia ser resumido o debate entre o ex-ministro da Fazenda e do Planejamento, Mário Henrique Simonsen, e o professor da Unicamp, economista Luís Gonzaga de Mello Belluzzo. Nesse aspecto, não houve qualquer desacordo. Ambos concordaram de pronto sobre os males causados pela imposição de políticas econômicas dogmáticas e atribuíram ao dogmatismo a responsabilidade por grande parte dos problemas vividos atualmente pela economia internacional.

Uma "onda de dogmatismo", segundo Simonsen, teria afetado nos últimos anos os formuladores de políticas econômicas em vários países, com resultados desastrosos. A mais importante atitude dogmática, pelas suas repercussões negativas em toda a economia ocidental e até nos países do bloco socialista, foi tomada pelas autoridades dos Estados Unidos a partir de 1979.

O Federal Reserve, uma espécie de banco central dos Estados Unidos, lembra Simonsen, adotou uma política absolutamente monetarista, num sentido exclusi-

vista de achar que a moeda é a única coisa que importa no mundo. "Se monetarismo significa que a moeda é uma parte importante da política econômica, sou monetarista. Se monetarista é um indivíduo que acha que a única coisa que importa é o controle monetário, eu abomino o monetarismo", afirma o ex-ministro.

Essa política monetarista do Federal Reserve, iniciada em 1979, ainda no governo Carter, acabou sendo intensificada no governo Reagan e acoplada a uma política fiscal "absolutamente exótica", segundo Simonsen, o chamado "supply-side". Segundo essa política, o governo e o Tesouro dos Estados Unidos decidiram reduzir os impostos para aumentar a poupança, na esperança de que o aumento da massa de recursos nas mãos do setor privado estimulasse os novos investimentos e, por consequência, a própria economia, com a criação de novos empregos.

"Foi um erro de teoria econômica que, nas universidades mais sofisticadas, como Harvard e MIT, se condenava veementemente. Qualquer economista ideologicamente isento, que observava o que estava acontecendo nos Estados Unidos, há dois anos, previa perfeitamente a crise que viria", afirma Simonsen. A teoria estava er-

rada por uma razão bastante simples, explica: "E que a poupança do país se compõe de poupança do governo e do setor privado; a redução dos impostos, embora possa aumentar a poupança privada, diminui a poupança total do país e, portanto, diminui o investimento que vai ser financiado por essa poupança".

Essa política desordenada nos Estados Unidos, com a falta de sintonia entre a política de combate à inflação do Federal Reserve e o déficit fiscal do Tesouro, acabou elevando a inflação. Mais importante do que isso, pelos reflexos internacionais, essa política obrigou o governo a financiar seus déficits com a colocação de títulos junto ao público. "Então, os Estados Unidos passaram a experimentar taxas de juros sem precedentes na história do mundo ocidental para países como os Estados Unidos", observa Simonsen.

Isso criou a recessão nos Estados Unidos, porque as empresas começaram a não ter fôlego para investir com juros tão altos; isso irradiou um problema de procura de dólares, porque os dólares rendiam juros muito altos e era interessante para europeus e japoneses se defazerem de

(Continua na página 3)